

## HISTÓRIA E NATUREZA: MEMÓRIAS, SOBREVIVÊNCIAS, FAMÍLIAS E RELAÇÕES DE PODER NO MANGUEZAL (BRAGANÇA – PA, 1980 a 1990)<sup>1</sup>

Ipojucam CAMPOS  
Campus Universitário de Bragança/UFPA  
ipojucancampos@gmail.com

**Resumo:** *Este estudo concentrou esforços em entender as relações de poder e consequentemente os significados que os trabalhadores do manguezal (coletores de caranguejo) elaboram do seu local de trabalho, assim dentre várias possibilidades de análise foi necessário interpretar os sentidos históricos que a construção da estrada Bragança-Ajuruteua promoveu na vida dos coletores, uma vez que a mesma transformou formas de vivência, hábitos e maneiras de relacionamento com a natureza que há muito estavam estabelecidas. Assim sendo, o artigo reuniu esforços em compreender a vida cotidiana dessas pessoas como, por exemplo, as suas estratégias de sobrevivência no interior do ecossistema costeiro.*

**Palavras-chave:** *História. Natureza. Estrada. Memória e relações de poder.*

**Abstract:** *This study concentrated efforts in understanding the relationships of power and consequently the meanings that the workers of the growth of mangroves elaborate of his/her work place, it was like this necessary to interpret the historical senses that the construction of the highway Bragança-Ajuruteua it promoted in the life of the crab collector, once the same transformed existence forms, habits and relationship ways with the nature that there are decades were established. Like this being, the article gathered efforts in understanding those workers' of the nature daily life as, for instance, their survival strategies inside the coastal ecosystem.*

**Keywords:** *History. Nature. Highway. Memory and relationships of power.*

<sup>1</sup> Este artigo é fruto do projeto, em andamento, intitulado “História e natureza: memórias, sobrevivências, famílias e relações de poder no mangue (Bragança – PA)” aprovado na Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Federal do Pará (UFPA) em 20 de abril de 2010. Aqui agradeço imensamente o esforço acadêmico dos bolsistas Alexandre de Brito Alves e Johny Sales da Silva, igualmente tenho grande gratidão ao aluno voluntário Márcio Sousa da Silva. Todos discentes do curso de História da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Bragança.

## Introdução

O propósito das reflexões que seguem é o de estabelecer diálogos com os trabalhadores (coletores de caranguejo) das mais variadas gerações, grupos sociais, faixas etárias e experiências individuais. Com efeito, os domínios aqui agrupados estão concentrados nas concepções políticas, sociais, econômicas e culturais elaboradas pelas pessoas diretamente envolvidas na coleta do crustáceo, assim sendo, entender as inúmeras leituras que estes sujeitos possuem em torno da construção da estrada Bragança-Ajuruteua<sup>2</sup> tornou-se de fundamental importância aos objetivos das ideias ora apresentadas. A este respeito é salutar considerar que o aterramento de uma faixa do manguezal não se apresenta na memória dos depoentes analisados como ação deletéria às suas atividades nos interstícios do ecossistema; ao contrário, em diversos momentos tal domínio humano sempre se apresentou a estes homens<sup>3</sup> como empreendimento importante à sobrevivência econômica da família e da sociedade, por exemplo.

As reflexões também se pautaram em ler como os trabalhadores organizam, constroem e elaboram o cotidiano no interior do local da labuta. Assim sendo, tornou-se importante estabelecer compreensões a

<sup>2</sup> Não é razão central deste artigo fazer uma leitura acerca do momento em que a estrada foi construída, no entanto é importante o leitor saber que a mesma chegou com a pícarra (aterro) à praia de Ajuruteua no ano de 1984 e que foi obra do então governador do Estado do Pará Jader Fontenelle Barbalho, o qual com a ajuda de dezenas de trabalhadores, tratores e caçambas conseguiu atravessar vários furos de igarapés, terrenos alagadiços, vegetação, enfim, o ecossistema costeiro bragantino. Em 1984 a via de transporte terrestre ainda era desprovida de pontes mais seguras e de asfalto, estas melhorias viriam com o retorno de Jader Barbalho ao poder na década de 1990. Também se faz necessário afirmar que o início da construção localiza-se bem antes do governo de Barbalho, ela foi aberta paulatinamente ao longo dos anos, ou seja, se fazia uma parte depois outra e assim sucessivamente. Historicizar os momentos dessa construção é análise maior que está sendo realizada, pelo autor, em um livro a respeito do assunto.

<sup>3</sup> Caro leitor, no decorrer do artigo o historiador sempre se referirá ao ser masculino como agente, como trabalhador do manguezal, no entanto, tem-se a clara concepção de que este espaço não se constitui em essência masculina, as mulheres de forma vária nele se imiscuem e interagem. Muito embora não tenha localizado nenhuma personagem feminina que dissesse sobreviver como coletora do crustáceo, no entanto elas adentram na natureza para coletar caranguejo à subsistência de suas famílias, ao consumo familiar. Até o presente estágio da pesquisa encontrou-se a demonstração de que a relação mulher e caranguejo é mais estreita quando elas são pensadas enquanto catadoras do crustáceo.

respeito das ferramentas utilizadas para a coleta, a dieta e o tempo de serviço que cada um compreende ser necessário à sua subsistência. Também não se esqueceu de se vislumbrar as vinculações empreendidas entre dois sujeitos muito importantes nas lógicas sócio-econômicas tanto para o indivíduo quanto para a cidade: o coletor e o marreteiro. Nota-se que as análises seguintes localizaram esforços na compreensão do dia-a-dia dos trabalhadores atrás expostos, ou seja, como os mesmos lêem os espaços em que atuam.

Enfim, não se pode esquecer que o ecossistema costeiro representa não somente um domínio da natureza, mas também indispensável forma de subsistência econômico-familiar bem como fortes escalas de poder. Neste sentido, os eixos: estrada, laços familiares, natureza, sobrevivência familiar, cotidiano no manguezal são objetos das interpretações que seguem.

Em conformidade com isso, a metodologia adotada para este artigo concentrou-se na concepção de que o passado nos rodeia de todas as formas e maneiras, mas para que o mesmo tenha sentido nos interstícios da vida é notório entendê-lo enquanto parte do presente. Com efeito, as entrevistas de Maria Ironilde, Miguel, Faustino, Pedro, André, Orisvaldo, Reinaldo, Elinaldo, por exemplo, foram interpretadas como expressivas viagens entre o passado e o presente, assim jamais os depoentes se colocam de um ou outro espaço sem realizar cruzamentos entre os mesmos. Neste sentido, a cada resposta, a cada declaração, a cada movimento destes experientes homens notaram-se marcas de um tempo pretérito e igualmente de um lugar do presente; dito de outra forma, quando rememoram a construção da estrada, o cotidiano no ecossistema, a alimentação, o tempo destinado à labuta, eles elaboram coexistências entre os dois tempos históricos, assim os mesmos nunca se apresentam apartados, mas sempre unidos em único laço.

Então, caro leitor, seguem-se algumas tramas localizadas no bojo do ecossistema costeiro bragantino.

### **1 Estrada Bragança-Ajuruteua: memórias, famílias e cotidiano no manguezal**

Quando os trabalhadores rememoram o aterramento que paulatinamente deu origem à estrada que interligou a cidade de Bragança

à praia de Ajuruteua, os mesmos em alguma parte de suas narrativas a compreende como obra fundamental às atividades no bojo da natureza. Sobre este assunto o senhor André Tavares da Gama, 57 anos, 33 anos de experiência como coletor de caranguejo lê o empreendimento de maneira singular, pois demonstra como de forma variada o homem se relacionou com o manguezal e ao mesmo tempo com as concepções de “progresso”, “civilização”, “desenvolvimento”. Perguntado acerca da empreitada, disse que a mesma: “[...] facilitou nós ir pra lá e trabalhar, já de tarde a gente, a gente vai de manhã quando era de tarde a gente já vinha aí de qualquer maneira seria melhor pra gente comprar os alimentos pros filhos e aí toda tarde a gente já tava aqui”<sup>4</sup>. Notam-se tangenciamentos expressivos, pois não se debatiam as questões expostas de forma superficial, antes eram envolvidas escalas acerca das distribuições das atividades nos domínios sociais. Ao se interpretar o depoimento percebe-se que os jogos de política, bem como a ordem das palavras apresentavam-se densas e eram conduzidas conforme os desejos e interesses dos sujeitos sociais que diretamente se encontravam no foco das tensões. Eis uma das questões centrais dos argumentos que se apresentam. O senhor André claramente compreende que formas de sobrevivência se reelaboravam com a abertura do caminho terrestre e que a mesma [em sua interpretação política] não punha em risco formas de sobrevivência, mas que as facilitava.

Em outras palavras, como compreender a assertiva desse sábio coletor que partindo de larga vivência interpreta a construção que cortou o manguezal e consequentemente matou parte de sua subsistência<sup>5</sup> como domínio favorável às suas atividades como filho deste lugar?

Inicialmente, a questão pode parecer embaraçosa, no entanto, ao elaborar suas narrativas e estabelecer consistentes elos entre homem e natureza, o experiente senhor afirmava que a estrada possibilitou às pessoas maior amplitude nos espaços da exploração do caranguejo, ou melhor, eles agora conseguiam adentrar em locais nunca antes chegados. Com efeito, na leitura do depoente, ela veio a facilitar a vida e o trabalho

<sup>4</sup> Entrevista concedida pelo senhor André Tavares da Gama, 57 anos. 12 de maio de 2010.

<sup>5</sup> Especificamente, aqui, é o pesquisador afirmando que houve com o aterramento de uma parte do manguezal a morte de diversas espécies de animais e vegetais: caranguejo, siri, mexilhão e de árvores como a tinteira.

dos atores sociais que sobreviviam e sobrevivem da natureza, tanto que enfatiza em sua narrativa o bem que a mesma trouxe à família, porquanto agora poderia ir para o serviço e retornar no mesmo dia para ver a esposa e os rebentos; trânsito que disse ser impossível quando da ausência da via de transporte terrestre. Questionado como se organizavam os domínios entre o seu local de trabalho, a família e o tempo aquando da inexistência do aterramento, o narrador afirmou que: “a gente ia assim de canoa, porque quando não tinha essa estrada a gente ia de canoa, chegava lá em baixo, a gente passava três dia, quatro dia, trabalhando lá pra poder vir pra poder vender lá em Bragança, aí nessa época não tinha quase marreteiro na beira da estrada chamando pra pagar a gente quantas peras a gente tem”.<sup>6</sup> A respeito do mesmo assunto, o entrevistado afirmou que a partir do seu funcionamento “a família pode não ter o almoço, mas a janta tem. Aí facilitou né pra gente mais, facilitou pra gente mais”.<sup>7</sup>

Quando, em sua narrativa, o experiente homem relaciona natureza e escalas familiares antes do empreendimento, o seu local de trabalho sempre aparece em posição dificultosa. Antes ficava entre três e quatro dias sem ver a esposa e filhos, porém com o projeto, a prole poderia permanecer por algum tempo sem uma das refeições (sobretudo o almoço), no entanto o jantar estava garantido, porque agora tinha a possibilidade de retornar para o lar com alimentos e mesmo com dinheiro; tal fato nunca seria possível ao tempo em que a labuta começava às três da manhã navegando em uma canoa pelo rio Caeté.

As concepções de vida do senhor André perpassam, sem exceção, pelo tripé natureza + família + economia, ou seja, estes aspectos para os mais diversos homens e mulheres mostram-se indissociáveis, eles estão ligados como se um não sobrevivesse na ausência do outro; tal noção é bastante compreensível ao pesquisador quando se pensam as experiências no bojo do cotidiano dessas pessoas, visto que ao sair para o serviço, personagens como André e tantos outros, como se analisará a seguir, deixavam a família a sua espera e ao mesmo tempo na expectativa de melhor condição de vida, o que inquestionavelmente envolvia aspectos econômicos. Ainda refletindo acerca das narrativas deste sujeito social

---

<sup>6</sup> Idem.

<sup>7</sup> Idem.

percebe-se que os episódios discorridos trata-se de recortes selecionados e firmemente reconstruídos a partir de experiências vividas, as quais não se encerram tão somente nas lembranças do narrador, uma vez que elas envolvem questões de outros membros da família como as da sua esposa Maria Ironilde Gomes da Gama, 54 anos que habilmente entrecruzava-se às assertivas do marido quando dizia que “as coisa no mangal sempre foi difícil”.<sup>8</sup>

Nota-se que no cerne do viver e sobreviver do ecossistema os depoentes ao lerem e relerem dinâmicas vivenciadas que giram em torno do sustento da família, reconstroem cenas de um cotidiano marcado por dificuldades, mas ao mesmo tempo elaboram suas identidades como personagens atuantes em um cenário onde as dinâmicas de poder e sobrevivência apresentavam-se essencialmente complexas. A este respeito, Michael Pollak em “Memória e identidade social”, mostra-se enfático ao dizer que os fatos ocorridos e os que permanecem nas reminiscências da memória são responsáveis pela elaboração de identidades sociais. (Pollak: 1992). Tomando como base os argumentos do autor apreende-se que os coletores a todo o momento recorrem aos fragmentos da memória para afirmarem socialmente que foi por meio do seu esforço no manguezal que criaram os filhos.

Outro depoimento que possibilita compreender como a natureza é interpretada politicamente é o do senhor Pedro Paulo Farias do Rosário, 53 anos e 30 anos de experiência como trabalhador da natureza. Em parte de sua interpretação afirmou que:

“[...] essa estrada hoje, ela trouxe uma melhoria muito grande: claro que trouxe, e até na inauguração dessa estrada estive presente lá, visualmente ela melhorou, agora pra ela trouxe um impacto muito forte, muito grande, o meu coração recebeu um impacto quando a primeira vez a gente andou nessa estrada e viu o prejuízo que ela causou né, aquela quantidade de mangue morto, então isso foi uma perca muito grande para o tipo que os nossos

---

<sup>8</sup> Paralelamente às narrativas do senhor André, dona Maria Ironilde Gomes da Gama, 54 anos, sua esposa, firmava posição acerca das dificuldades que a natureza impõe aos homens que nela se aventuram para forjarem a subsistência diária.

coletores de caranguejo trabalhavam e deixou de dá, porque morreu aquela inquantidade de mangue e não existiu caranguejo mais [...]”.<sup>9</sup>

Quando solicitado que estabelecesse elos entre a construção do caminho terrestre e o seu trabalho, a memória que vem à tona é permeada de consistentes escalas políticas. Pedro em diversos momentos se aproximava e ao mesmo tempo se distanciava das narrativas construídas pelo senhor André; este claramente não fez ligações entre o projeto da estrada e a morte do manguezal, acerca disso firmou posição na lógica de que ela favoreceu o movimentar dos trabalhadores em suas atividades. Na memória de seu Pedro há o reconhecimento deste campo, porém “amplia” a questão quando percebe que a natureza foi sacrificada pagando preço bastante elevado, ou seja, várias árvores como seribeira e tinteira, por exemplo, desapareceram de locais estratégicos à sobrevivência do ecossistema costeiro.

Entretanto, não descaracteriza as escalas positivas que a mesma desempenhou no seio das atividades dos agentes em questão. Dito de outra forma reconhece que a estrada melhorou significativamente a vida do coletor e ao ser indagado a respeito do que seria esta transição para um estágio superior da vida, seu Pedro a rememora politicamente e interpreta o momento histórico da forma seguinte:

“[...] olha o sentido da minha melhora é qui ficou fácil pra se ir buscar esse sustento, porque você sai 4 hora da manhã, você pega o ônibus, o que mais me impressionou, foi saber que aqui em Bragança sai 3 carros por dia de coletor de caranguejo que vai por essa estrada, tem caminhãozinho que sai cheinho, a tarde agente vê ele estão se enchendo de caranguejo e caboco que vem, que foram pra lá, eles pegam o ônibus e vão. Tem caminhão que leva, tem seus tiradores que levam carne assada e pagam essa taxa [...] Aí você sai daqui 3 horas, 2 horas da manhã par chegar 10 horas do dia, par chegar lá

---

<sup>9</sup> Entrevista concedida pelo senhor Pedro Paulo Farias do Rosário, 52 anos. 19 de maio de 2010.

dentro do Tatuipé, que é cabeceira do furo do meio, aonde se tira aí você tira pra viajar, tira nesse dia, tirava no outro dia que era pra voltar de tarde isso era um sacrifício mais tinha caranguejo, hoje não! Depois disso aqui melhorou, você sai daqui 7 hora, 8 hora, você tá lá no ponto pra entrar pra dentro do mangue, isso aqui foi ótimo, melhorou e o pessoal agradeceram e aí esse pessoal entram pra dentro do mangue, ele vão lutar [...]”.<sup>10</sup>

Se por um lado, o depoente recorreu à tese de que houve “verdadeira catástrofe ambiental”; por outro, também nota que a mesma viabilizou melhorias na conjuntura cotidiana dos trabalhadores da natureza. Em outras palavras, estabelece elos sólidos entre passado x presente e consegue claramente compor linhas e escalas políticas com o tempo vivido, seja com o do tempo “passado”, seja com o do tempo “presente”, isto é, o trabalhador não deixa escapar que há formas interligando os momentos históricos e que por isso os mesmos não podem ser lidos separadamente. Podem-se as coisas ordenarem-se de outra maneira: a estrada facilitou a busca do sustento porque os “caboclos” saem pela manhã e retornam à tarde para o seio familiar, domínio impossível antes. Em suas investidas no passado por meio da memória, o trabalhador não desconecta as escalas de dificuldades e incômodos como o de acordar na madrugada bragantina e ir para o trabalho, sendo que esta saída era sem a possibilidade de retorno no mesmo dia, pois se fazia necessário permanecer na natureza muitos dias, fato que o distanciava das relações familiares ou como expressou Pedro: “[...] Aí você saía daqui 3 horas, 2 horas da manhã pra chegar 10 horas do dia, pra chegar lá dentro do Tatuipé, que é cabeceira do furo do meio, aonde se tira aí você tira pra viajar, tira nesse dia, tirava no outro dia que era pra voltar de tarde isso era um sacrifício [...]”.<sup>11</sup> Em outro momento, suas lembranças possibilitam a seguinte postura político-cultural: “[...] Depois disso aqui melhorou, você sai daqui 7 hora, 8 hora, você tá lá no ponto pra entrar pra dentro do mangue, isso aqui foi ótimo,

---

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Idem.



melhorou e o pessoal agradeceram e aí esse pessoal entram pra dentro do mangue, ele vão lutar [...]”.<sup>12</sup>

Quando os trabalhadores da natureza evocam a memória que possuem acerca do aterramento de uma parte do ecossistema, os mesmos invariavelmente o localizam como forma superior de sustento da ordem familiar, ou seja, ele sempre se encontra ligado às raízes das relações de poder, porquanto agora com a possibilidade de chegar a locais nunca antes explorados, os homens coletavam mais crustáceos e consequentemente ampliavam as condições materiais da família. Enfatize-se que a abertura do caminho não cruzou e modificou apenas formas de vida na natureza, ele também cruzou, transpassou, reorganizou e reordenou maneiras de convivência mais amplas e variadas, tais como nas vidas das famílias dos coletores, na vida do trabalhador, na do marreteiro, na da cidade de Bragança, enfim, modificou escalas históricas em torno de uma parte da sociedade que sobrevivia e sobrevive do manguezal. Até o presente estágio dos argumentos esta tese é bastante clara, uma vez que a natureza em questão, antes do empreendimento, é interpretada como espaço “sub-explorado”, porque era muito difícil nela adentrar (Campos: 2010). Antes, o cansaço do trabalhador também é rememorado como domínio que dificultava o exercício dos coletores, porque saíam das suas casas três, quatro horas da madrugada em barcos a remo e à vela e chegavam oito, nove horas da manhã no local de trabalho, neste tempo histórico ficavam ligados – por força da natureza – alguns dias ao ecossistema costeiro. Estas formas mudam substancialmente quando o caminho terrestre passou a funcionar, porquanto a memória política de seu Pedro localiza a questão da forma seguinte: “[...] então isso aqui foi ótimo, ficou mais fácil, de tarde 4 hora da tarde, 5 hora os ônibus estão chegando com os pessoal, todinho na suas casas, ele já tá com dinheiro no bolso, então isso aqui foi bom eu assino em baixo [...]”.<sup>13</sup>

O senhor Miguel Pinheiro da Silva, 67 anos, 20 de experiência no manguezal e ex-agricultor, é outro depoente que ao recorrer à memória tem a certeza de que a construção foi salutar aos coletores bragantinos.

---

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> Entrevista concedida pelo senhor Pedro Paulo Farias do Rosário, 52 anos. 19 de maio de 2010.

Tal melhoria, o mesmo justifica da forma seguinte: “nois passou a chegar no local de trabalho mais rápido, chega mais rápido nos furo Araí, Ostra, Furo do Meio, Furo Grande”.<sup>14</sup> À grande maioria dos entrevistados a estrada não foi e não é pensada aquando da abertura e hoje como a causadora de desequilíbrios no bojo das atividades tradicionais de sobrevivência no ecossistema, ela em algum lugar da reminiscência da memória é interpretada como meio que veio facilitar escalas, relações, domínios nos espaços da cultura, da política, do social e do económico. Em conformidade com isso, os depoentes sempre realizam ligações entre o passado e o presente, onde elaboram em um e outro tempo concepções entre o bom e o ruim, ou seja, o tempo histórico do trabalho está bem dividido em suas vidas: o antes da estrada (momento lido como de grandes dificuldades) e o depois (ocasião em que os empecilhos foram amainados). Estas composições são inteligíveis nas narrativas em análise, visto que se interpreta ser a vida do trabalhador – antes da “grande estrada” – muito dura, porque era “um dia de viagem, dois trabalhando e um voltando. O trabalho no mangue era muito duro, é mais difícil que o trabalho na roça derrubando mato”.<sup>15</sup>

A vida sócio-cultural do espaço em análise está diretamente ligada às formas de ação dos coletores no bojo da natureza, muito embora esta também se estenda aos marreteiros e à economia da cidade de Bragança, dito de outra maneira há elos entre estas cadeias, por exemplo: os coletores em muitos casos precisam do financiamento do marreteiro (liga-se a este por meio de dívida) e o marreteiro precisa “explorar” o trabalho daquele, justamente para movimentar a sua vida económica e a de diversas localidades.

Outra questão importante nestas interpretações concentra-se na seguinte indagação: como se forja a sobrevivência na natureza das pessoas que estão na base desta investigação?

Como atrás interpretado, antes do aterramento, os trabalhadores do ecossistema costeiro bragantino passavam vários dias em seu interior. Durante três, quatro, cinco dias estes sujeitos sociais elaboravam

---

<sup>14</sup> Entrevista concedida pelo senhor Miguel Pinheiro da Silva, 67 anos. 08 de junho de 2010.

<sup>15</sup> Idem.

inúmeras formas de sobrevivência, seu Pedro quando lança mão das suas reminiscências afirma que:

[...] Eles faziam a despesa, você é meu patrão, eu sou o tirador, aí você vai fazer a minha despesa, quanto é que tu precisa, dá 30, vou deixar 20 pra mulher pra eles não passem mal e 10 pra minha despesa, comprar o meu rancho pra levar. Lá não tem rancho lá é na canoa, se tira nesse dia o pescador já vai tudo preparado, leva um encerado, uma toga. Aí ele trabalhava 1 dia, terminava ficava alojado na canoa e esperava o outro dia. Agora o outro dia o serviço já era melhor, porque ele já estava cedo no serviço lá, ele já tirava o caranguejo dele ia terminava de tirar e vinha embora, vinha vender a produção dele, então era dificuldade no ir e no voltar [...].<sup>16</sup>

Uma das estratégias era a de levar o rancho, porém já na saída do seio familiar nota-se que tal escala de sobrevivência representava prévio endividamento com a personagem do marreteiro, algo que “complicava” sobejamente a vida destes atores quando do retorno, pois tinham que pagar a dívida. No entanto, o rancho, na lembrança do experiente trabalhador, era via de subsistência essencial, porque em seu dizer “lá não tem rancho lá é na canoa”. Em suas memórias a lida diária no interior da natureza é sempre exposta como momentos difíceis e de imprevistos tanto nos domínios da alimentação quanto nos do descanso, ou melhor, tudo era realizado na pequena embarcação que conduzia esses agentes ao seu local de trabalho. Acerca da forma de se agasalhar, o coletor saía de sua residência com vários apetrechos essenciais à sua sobrevivência no manguezal, por exemplo, seu Pedro lembra que conduzir um encerado e uma toga constituía-se fundamental aos propósitos do trabalhador e quando terminava o dia os homens já bastante cansados ficavam alojados no interior das canoas esperando amanhecer, ou seja, dormiam nas embarcações.

---

<sup>16</sup> Entrevista concedida pelo senhor Pedro Paulo Farias do Rosário, 52 anos. 19 de maio de 2010.

Percebem-se nos depoimentos em análise que essas pessoas sempre estabelecem elos do seu cotidiano entre um antes e um depois, isto é, relacionam de maneira extremamente centrada a política e a cultura de suas vidas a momentos anteriores e posteriores ao da abertura da estrada. A este respeito, seu Pedro recorre ao antigo argumento de que ela facilitou o trânsito dos trabalhadores e acusa que antes existiam variadas “[...] dificuldade no ir e no voltar [...]”. Nota-se a existência de intenso relacionamento com o cotidiano do local; este efetivamente jamais deve ser vislumbrado separado da vida prática, da experiência, dos costumes, dos hábitos, das sensibilidades, enfim, do dia-a-dia das pessoas que na sua essência dão vida aos espaços estudados. Tal circularidade construída por meio da memória refaz um passado lógico às suas vidas, porque as narrativas também funcionam como elementos que firmam e reafirmam identidades. Como habilmente anotou Marc Bloch, saber minimamente o que fomos, o que fizemos, o que realizamos é crucial para compreender o que somos (BLOCH, 1976).

A respeito do cotidiano no manguezal, o experiente Miguel da Silva lembra que há 20 anos se levava de tudo e também que lá se conseguia alimentos, “hoje as coisa são menos”. Então, novamente construindo elos entre passado x presente o “velho” trabalhador rememora que se

[...] pescava 8 quilo de peixe, levava linha e ainda trazia peixe pra casa. Levava a farinha, levava a despesa como o tabaco. A droga não é comigo. Bragalhão, bagre a gente pegava muito e mais a farinha, das 9 as 2 hora era o tempo, o meu tempo do trabalho no mangue. O peixe pescado era cozido. Nois tinha panela, prato, colher [...]

A vida no manguezal é descrita de maneira sólida por este ator social. O cotidiano era entrecruzado pelos campos do esforço do trabalho diário, onde se somavam as inúmeras estratégias elaboradas para se conseguir outras formas de subsistência, então a linha para pescar mostrava-se inalienável, mas também se levava de casa a farinha, o tabaco, as panelas, os pratos e as colheres instrumentos essenciais à vida no seio da natureza. Seu Miguel mostrando-se profundo conhecedor do ecossistema em que atua há vinte anos estabeleceu para si uma coerente divisão do tempo em

relação ao trabalho a ser desenvolvido, ou seja, das 9 às 14 horas instituiu como o seu tempo de labuta. Nota-se que a sobrevivência no bojo da natureza mostra-se claramente montada a este personagem social; em outras palavras, ele forma elos entre o que se leva para o lugar, o que lá se podia ou se pode conseguir e a experiência de cada homem em seu interior.

O senhor Benedito Faustino da Silva Alves, 47 anos e 21 de experiência no manguezal é outro depoente que ao recorrer à memória proporciona interpretações de como o cotidiano no ecossistema se estabelece. Ao ser perguntado como se forja a dieta na natureza, seu Faustino respondeu que:

Muitas as vezes a gente leva feito, mas muitas as vezes a gente não leva, a gente compra, a gente compra lá no porto lá aonde a gente pega a canoa, compra o peixe cozido come pra poder ir, quando sai esta comida a gente entra mais tarde no mangal, a gente diz assim: eu vou depois que comer, isso também é por matizada né, tem muitas das vezes que a gente fica lá na ponte grande aonde a gente tira, passa a noite aí quando é umas 4 horas da madrugada sai, que pra ir cedinho, quando a gente faz isso a gente tira mais ainda né, porque tem mais espaço a gente vai mais longe é tem mais tempo, pra quem já tá acostumado é divertido, é sacrificoso mas é divertido.<sup>17</sup>

Veja-se o quanto existem ordens estabelecidas para se iniciar as atividades. Os trabalhadores não adentram a procura do crustáceo sem devidamente se alimentar; o alimento, em algumas ocasiões, levava-se do lar, porém, em outras, comprava-se peixe cozido no porto, onde certamente a farinha era ingrediente obrigatório. Veja-se também que a comida marca o tempo de trabalho desses homens, pois primeiro se alimentam quando chegam tarde ao local de saída da canoa (na ponte). A este respeito seu Faustino enfatiza que nestas ocasiões enfrentava-se a

---

<sup>17</sup> Entrevista concedida pelo senhor Benedito Faustino da Silva, 47 anos. 24 maio de 2010.

natureza um pouco mais tarde. Com efeito há influências no cotidiano do manguezal quando o dia era organizado dessa forma, ou seja, para além dos trabalhadores adentrarem mais tarde, ocorria também de os coletores – em algumas ocasiões – dormirem “na ponte grande”<sup>18</sup> e no dia seguinte, por volta das 4 horas da madrugada, partirem para a labuta diária, ir em busca da sobrevivência. Sobre este campo, o narrador afirma: “[...] quando a gente faz isso a gente tira mais ainda né, porque tem mais espaço a gente vai mais longe é tem mais tempo, pra quem já tá acostumado é divertido, é sacrificoso mas é divertido”.<sup>19</sup> Seja no social, seja no cultural, seja no político há estratégias de sobrevivência presentes e elas são previamente traçadas por esses atores. Por exemplo, assim como seu Miguel, o depoente Faustino articula constantemente elos entre o tempo necessário para um bom dia de trabalho e a quantidade de caranguejo a ser coletado e diz que a vida no interior do manguezal é “sacrificosa, mas é divertida”.

Quando se insistiu, em outro momento, acerca de como se organiza a vida cotidiana no ecossistema, seu Faustino revelou:

É eu acho assim, das várias experiências que a gente tem, muito tempo né, conhecimento que a gente tem dos colegas que trabalham nessa vida, a gente vai alegre, vai conversando, leva um duelozinho, vai contando aquelas prosas é lá no igarapé a gente seca, si que a gente vai merendar, é, remendar a luva é remendar sapato é fica tudo só pro má hora lá dentro mangar é aí a gente se fica nu: tira a roupa, a roupa da gente que a gente vai limpa, bota a do mangal que é. Hoje a gente tá trabalhando de calça comprida, camisa manga comprida, sapato e a luva, aí a gente tira a roupa limpa vesti a suja a do mangal é calça, o sapato, bota a luva no braço é aí que a gente vai tirar caranguejo, tens uns cigarros, é 95% dos tirador de caranguejo tudo fuma um porroncão, a diária de um tirador de caranguejo é 4 cigarros grandes, ele faz aquele porroncão, ele fumando e vai tirar

<sup>18</sup> Dormir na ponte grande se refere estritamente a um dos inúmeros locais de onde as canoas saem para alcançar o interior do manguezal.

<sup>19</sup> Entrevista concedida pelo senhor Benedito Faustino da Silva, 47 anos. 24 maio de 2010.

caranguejo. As vezes ele sai da canoa 10 horas do dia e só vai retornar só 4 horas da tarde direto lá, aí se ele tiver que toma água ele toma na canoa, se tiver que comer alguma coisa ele come na canoa, tudo que ele tiver que fazer ele faz na canoa [...].<sup>20</sup>

Vislumbram-se, nas narrativas apresentadas, outros marcadores do cotidiano e consequentemente inúmeras formas e estratégias de sobrevivência. A alegria, a prosa, a cachaça, que no dizer de Faustino é traduzida na palavra “duelozinho”, apresentam-se ligadas à merenda, ao quebra-jejum tradicional e típico que se faz antes da pesada labuta. Também se interligam a estes domínios a manutenção das ferramentas de trabalho como o consertar das luvas, das calças, das camisas de mangas compridas e dos sapatos, aqui se nota como relações e formas se estabelecem no seio da natureza, ou seja, para enfrentá-la o trabalhador protege o seu corpo de possíveis acidentes. Igualmente, veja-se que os trabalhadores trocam as roupas (colocam as do manguezal). O uso do cigarro também revela o cotidiano dessas pessoas, ou melhor, seu Faustino acredita que cerca de 95% dos coletores fazem uso do cigarro ou do “porronção”, isto é, trabalham fumando. Muito embora Ernest Schachtel tenha realizado pesquisas para espaços cronológicos e temporais diferentes dos daqui apresentados, o mesmo é importante agora interpretar porque apreendeu que cenários, coisas, fatos e acontecimentos nunca são lembrados na ordem dos acontecimentos; segundo o pesquisador, isso ocorre em virtude da memória sempre mostrar-se seletiva e que o que se lembra é apenas o que se deseja, o que se é conveniente na ordem do discurso. (SCHACHTEL, 1962).

Em relação ao tempo de trabalho sem interrupção no bojo do ecossistema percebe-se certa proximidade entre os depoimentos do senhor Miguel (que diz labutar cerca de cinco horas diárias) e o de seu Faustino (que o calculou em seis horas diárias). No depoimento deste é relevante problematizar como a vida se organiza entre as dez da manhã e às dezesseis horas da tarde, ou melhor, como os trabalhadores dinamizam relações tanto com a natureza quanto com os seus instrumentos de trabalho: neste caso a canoa. Nesta dinâmica, o tempo cronológico

---

<sup>20</sup> Idem.

está diretamente ligado ao do trabalho e consequentemente ao meio de locomoção, a canoa; assim na narrativa tudo é executado a bordo dela como beber água e comer.

Finalmente, compreende-se que as narrativas das personagens atrás analisadas são concepções produzidas em torno de um espaço repleto de vivências, aliás, ao se recordarem de algumas experiências ocorridas no manguezal vem à tona – paralelamente – não apenas lembranças de diversas práticas sócio-culturais que caracterizam a concretização de suas identidades enquanto atores sociais, elas (as narrativas) também permitem repensar o dia-a-dia o qual impreterivelmente está carregado de sentimentos, valores, necessidades, saudosismos. Com efeito, é óbvio que diante destes atores não se torna prudente – por parte do pesquisador e de seus leitores – atitudes céticas, ou seja, que as suas ações no seio da natureza não sejam movimentos previamente articulados e diversamente vividos. Aqui, então, o que mais importa é perceber como os jogos simbólicos entre o passado e o presente são organizados por estas pessoas que se mostram profundos atores políticos, porquanto constantemente utilizam e elaboram novas composições de força para subsistirem no bojo de um cotidiano tão difícil como é o do ecossistema.

Em conformidade com isso, passado e presente permeiam suas observações, desta maneira expor aqui algumas interpretações de Alessandro Portelli torna-se de suma importância, uma vez que o autor vislumbra que o depoente nunca narra o “passado” por ele mesmo, porque o ato de rememorar encontra-se carregado de práticas vividas do momento atual (PORTELLI, 1996).

Os trabalhadores em análise possuem sólida cultura política, enfatize-se.

## **2 Últimas palavras: poder nos sujeitos sociais**

Muito embora no presente artigo existam diversas análises como a da dieta dos trabalhadores do ecossistema costeiro, o argumento central nele contido e no qual todos os outros transpassam é o de que a construção da estrada Bragança-Ajuruteua não se caracterizou, conforme se percebeu no discurso das pessoas entrevistadas em empreendimento deletério às suas atividades; ao contrário, o aterramento que cortou



o manguezal é lido como obra essencial, porque veio facilitar as suas dinâmicas de sobrevivência, pois a mesma viabilizou que se adentrassem a lugares nunca antes explorados, reitere-se.

Caro leitor, certamente, esta proposição ficou bastante clara no decorrer desta breve exposição.

Desta maneira, o historiador vislumbrou campos de interesse cotidianamente reconstruídos por aqueles que sobreviveram e sobrevivem diretamente do lugar bem como as estratégias de poder que estes sujeitos desenvolveram para subsistirem não apenas no campo econômico, mas também no social, político e cultural. Buscou-se destarte abordar e interpretar as composições culturais e sociais como forças pulsantes, desempenhadoras e motivadoras das transformações histórico-sociais, tomando como ponto de partida os interesses e pretensões dos segmentos sociais sobejamente atrás analisados.

Ficou-se atento às particularidades das narrativas, por exemplo, quando descrevem as formas e estratégias de sobrevivências no interior do manguezal, os depoentes sempre elaboram uma consciência do passado que se interliga obrigatoriamente às familiaridades do presente, ou seja, tudo que foi dito e feito no seio do ecossistema é recordado a partir de pessoas e objeto, estratégia que se constitui em dimensão salutar de história construída pelos depoentes, ou melhor dito: esta é a forma forjada por eles para que o passado nunca morra. Representação do passado nunca risível, estes homens sempre estão atentos ao que expressam e por isso recorrentemente dizem: “é isso que lembro”; todavia o que historicamente este campo pode querer dizer? Compreende-se que o passado chega ao presente recortado, em fragmentos e jamais na sua totalidade, assim o que efetivamente aconteceu se perde no tempo; esta dimensão de história apresenta-se sólida nas narrativas das personagens atrás analisadas. Então, o método histórico aqui pensado encerra-se na lógica de que o passado é inatingível em sua totalidade, encontram-se dele tão somente fragmentos. Ou como bem avisou Georges Kubler: nenhuma verificação acerca do passado é suficiente para interpretá-lo na sua intimidade, na sua integridade, na sua totalidade, porquanto o passado enquanto o que “realmente” aconteceu é impossível, ele se perde, está para além do alcance do historiador (KUBLER, 1962).

Finalmente, não se pode perder de horizonte que as reflexões realizadas são condicionamentos construídos a partir de uma lógica histórica, fato que certamente possibilita outros realizarem pesquisas e chegarem a resultados contrários aos aqui expostos. Por esta razão reafirma-se que as interpretações aqui expostas devem ser lidas como “instrumentos” elaborados de forma “seletiva e parcial” quando se pensa “a imagem total que uma sociedade deixa de si”. (GINZBURG, 2002).

## REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **The historian`s craft**. Manchester: Manchester University Press, 1976.

CAMPOS, Ipojucan Dias. **História e natureza**: memórias, sobrevivências, famílias e relações de poder no manguezal (Bragança/PA, 1975 a 1990). Projeto aprovado na Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Federal do Pará (UFPA), 2010.

GINZBURG, Carlo. **Relações de força**: história, retórica, prova. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KUBLER, Georges. **The shape of time**: remarks on the history of things. New Haven/Connecticut: Yale University Press, 1962.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. v. 5. Rio de Janeiro: Estudos históricos, 1992.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos. **Tempo**. n. 1. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

SCHACHTEL, Ernest. **Metamorphosis**: on the development of affect, perception, attention and memory. New York: Basic Books, 1962.

## Documentos

Entrevista concedida pelo senhor André Tavares da Gama, 57 anos. 12 de maio de 2010.

Entrevista concedida pela senhora Maria Ironilde Gomes da Gama, 54 anos. 12 de maio de 2010.

Entrevista concedida pelo senhor Pedro Paulo Farias do Rosário, 52 anos. 19 de maio de 2010.

Entrevista concedida pelo senhor Benedito Faustino da Silva, 47 anos. 24 maio de 2010.

Entrevista concedida pelo senhor Miguel Pinheiro da Silva, 67 anos. 08 de junho de 2010.

Entrevista concedida pelo senhor Orisvaldo Tavares da Silva, 52 anos. 21 de junho de 2010.

Entrevista concedida pelo senhor Elinaldo Gomes da Gama, 24 anos. 27 de junho de 2010.